

Dr. Robert A. Peterson, A Obra Salvadora de Cristo, Sessão 15, 6 Imagens da Obra Salvadora de Cristo, Parte 2, Redenção e Substituição

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre a Obra Salvadora de Cristo. Esta é a sessão 15, Seis Imagens da Obra Salvadora de Cristo, Parte 2, Redenção e Substituição.

Continuamos nosso estudo da obra salvadora de Cristo voltando-nos para a imagem da redenção.

Ao contrário da reconciliação, que é encontrada em apenas quatro passagens paulinas importantes, há muitas passagens que dizem respeito à redenção para listar. Em vez disso, falarei apenas sobre seções da Bíblia onde isso é encontrado. O Antigo Testamento, os Evangelhos Sinóticos, Atos, Paulo, Hebreus, 1 Pedro e Apocalipse.

David Reitmeier fala sobre a esfera. Cada uma dessas imagens da obra de Cristo vem de uma esfera, é claro. Neste caso, a metáfora da redenção, citando Reitmeier, inclui as ideias de perder um vínculo, libertar-se do cativo ou da escravidão, comprar de volta algo perdido ou vendido, trocar algo em posse de alguém por algo possuído por outro e resgatar.

Contexto bíblico. A redenção tem raízes no Antigo Testamento na libertação dos israelitas da escravidão egípcia por Deus, na redenção dos filhos primogênitos por Israel e na mensagem de Isaías de um novo êxodo para os judeus levados em cativo na Babilônia. O contexto imediato para as pessoas nos tempos do Novo Testamento é a alforria de escravos.

Definição. Redenção no Novo Testamento é uma imagem da obra salvadora de Cristo que descreve pessoas perdidas em vários estados de escravidão e apresenta Cristo como o Redentor, que, por meio de sua morte, expressa de várias maneiras, reivindica pessoas como suas e as liberta. Leon Morris, na Pregação Apostólica na Cruz, ensinou três aspectos da redenção.

O estado de escravidão do qual precisávamos ser libertados, o pagamento de um resgate, preço de redenção ou resgate, e o consequente estado de liberdade ou liberdade. John Stott, em seu maravilhoso livro, *The Cross of Christ*, acrescentou um quarto aspecto ao meu pensamento, e é que agora temos um novo mestre, e esse é o Senhor Jesus Cristo. A necessidade de redenção é escravidão em suas diferentes formas.

Os israelitas sofreram escravidão egípcia antes do êxodo, e os cidadãos do reino do sul suportaram o cativo na Babilônia e depois na Pérsia antes que Yahweh os libertasse. As formas de escravidão das quais Cristo liberta as pessoas são morais ou espirituais. Elas são frequentemente implícitas, mas às vezes são explícitas, incluindo, entre aspas, o domínio das trevas, Colossenses 1:13, a escravidão aos princípios elementares do mundo, Gálatas 4:3, os caminhos fúteis herdados dos ancestrais, 1 Pedro 1:18, e toda a iniquidade, Tito 2:13-14, e nossos pecados, Apocalipse 1.16. Iniciador: nenhuma surpresa aqui; Deus é sempre o iniciador na redenção de seu povo.

É verdade sobre Yahweh: Eu sou o Senhor, eu vos tirei de debaixo dos fardos dos egípcios, e vos livrarei da escravidão deles, e vos redimirei com braço estendido e grandes atos de julgamento, Êxodo 6:6. E é verdade sobre Jesus, o filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida como resgate por muitos, Marcos 10.45, o famoso ditado do resgate. Percebemos a disposição de Jesus em se entregar para nos redimir. Darei o texto para isso em breve.

Em ambos os testamentos, a divindade inicia a redenção por amor ao seu povo. Nós vemos isso na lei. Ele, o Senhor teu Deus, amou teus pais e te tirou do Egito com sua própria presença por seu grande poder, Deuteronômio 4:37. Nós também vemos isso no último livro das escrituras, citação, àquele que nos ama e nos libertou de nossos pecados por seu sangue, a ele seja glória e domínio para todo o sempre, Apocalipse 1:5 e 6. Em amor, Yahweh libertou Israel do Egito.

Em amor, Cristo nos liberta com seu sangue. Mediador: no Antigo Testamento, o Deus de Israel é chamado de Deus Altíssimo, seu Redentor, Salmo 78:35. No Novo Testamento, Paulo usa o título do Antigo Testamento para Deus, Libertador, e o aplica a Cristo, citando Isaías 59:20 em Romanos 11:26. O apóstolo, portanto, define o tom para todo o Novo Testamento, que consistentemente apresenta Cristo como o Redentor, o mediador da redenção. A obra.

Redenção requer trabalho. Yahweh trouxe as pragas e o êxodo para redimir os israelitas do Egito, Deuteronômio 9:26. Ele moveu Ciro para libertar Judá do cativo, Esdras 1:1-4, Isaías 45:1-6. No Novo Testamento, a redenção é a obra de Cristo, Salmo 49:7. Ele declara, verdadeiramente, que nenhum homem pode resgatar outro. Em Marcos 8:37, Jesus pergunta, o que um homem pode dar em troca de sua alma? E em 10:45, ele diz, o Filho do Homem veio para dar sua vida como resgate por muitos.

As imagens do Apocalipse são poderosas. João diz: Eu vi um cordeiro em pé como se tivesse sido morto. E então o hino de louvor sobe para o cordeiro, pois você foi morto, e pelo seu sangue, você resgatou pessoas para Deus de toda tribo, língua, povo e nação.

Apocalipse 5:6 e 9. Voluntariedade. Uma diferença marcante entre os Testamentos é o sofrimento voluntário de Cristo como nosso Redentor. Essa ideia é refletida no ditado de resgate, o Filho do Homem veio para dar sua vida como resgate por muitos, Marcos 10:45. Novamente, duas passagens nas pastorais combinam as declarações da autodoação de Jesus com a redenção.

1 Timóteo 2:5 e 6. Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual se entregou a si mesmo em resgate por todos, o que é o testemunho dado neste tempo presente. 1 Timóteo 2:5 e 6. E então Tito 2:13 e 14. Nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo, se entregou por nós para nos remir de toda iniquidade e purificar para si um povo todo seu, zeloso de boas obras.

Tito 2:13 e 14. Nosso Redentor voluntariamente se entregou para nos livrar da escravidão. As Escrituras às vezes veem isso, nem sempre, mas às vezes veem isso como o pagamento de um preço.

Preço do resgate. Enquanto Leon Morris, que fez um trabalho exemplar sobre as palavras bíblicas que descrevem a obra salvadora de Cristo, pode ter superestimado a morte de Cristo como um resgate, outros rejeitaram a ideia do resgate completamente. Exagerar e rejeitar são ambos erros.

Shriner, citando um importante ensaio de Howard Marshall, atinge o equilíbrio certo. Alguns estudiosos, ele escreveu, argumentaram que nas escrituras, a redenção sempre envolve a noção do pagamento de um preço. Howard Marshall demonstrou, no entanto, que a ideia de um preço não está invariavelmente presente, embora haja sempre a ideia do custo ou esforço envolvido na redenção.

Em alguns textos, a ênfase está na libertação, e nada é dito sobre preço. Lucas 21:28, Romanos 8:23, Efésios 1:4, Efésios 4:30. Por outro lado, alguns estudiosos estão muito ansiosos para eliminar qualquer noção de preço. Shriner certamente está correto.

Pelo menos oito passagens retratam a morte de Cristo como o preço da redenção. Como você pode negar isso? Atos 20:28. Prestem muita atenção, disse Paulo, a vocês mesmos e a todo o rebanho, para cuidar da igreja de Deus, que ele obteve com seu próprio sangue. 1 Coríntios 6:19-20. Vocês não são de si mesmos, escreveu Paulo, pois foram comprados por um preço.

Então glorifiquem a Deus no seu corpo. 1 Coríntios 7.23. Vocês foram comprados por um preço. Não se tornem escravos de homens.

1 Timóteo 2:5-6. Há um só mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, que se entregou como resgate por todos. Hebreus 9:12. Ele entrou de uma vez por

todas nos lugares santos por meio de seu próprio sangue, garantindo assim, e por meio de seu próprio sangue, há o preço, garantindo assim uma redenção eterna. 1 Pedro 1:18-19. Você não era; você foi redimido, desculpe; você foi resgatado dos caminhos fúteis herdados de seus antepassados, não com coisas perecíveis, como prata ou ouro, mas com o precioso sangue de Cristo.

Esse é o preço da redenção. Apocalipse 1 :5-6. Àquele que nos ama e nos libertou dos nossos pecados pelo seu sangue, seja glória e poder para todo o sempre. Amém.

Apocalipse 5:9-10. Novamente, porque foste morto, e com teu sangue compraste homens para Deus. Substituição. Alguns textos apresentam a redenção de Cristo como uma substituição para pecadores.

O mais famoso é o ditado de resgate de Marcos 10:45. Esse versículo é importante porque nesse versículo, no evangelho de Marcos, Jesus declara o significado de sua morte expiatória. É muito importante. Até mesmo o filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos.

Seus discípulos estavam discutindo qual era o mais importante. E Jesus os humilha usando a si mesmo como um exemplo de liderança servil. Entre os gentios, o povo não salvo, os líderes dominavam as pessoas sob eles.

Não é para ser assim entre vocês. Ele seria o primeiro, deveria ser, deveria ser, ele seria o primeiro, deveria ser o último. Aquele que quer liderar deve ser o servo de todos.

Pois nem mesmo o filho do homem veio para ser servido, mas para servir. E o epítome do seu serviço é este e dar a sua vida em resgate por muitos. William Lane, que escreveu um grande comentário sobre o evangelho de Marcos, une resgate, redenção e substituição.

Citação, a metáfora do resgate resume o propósito pelo qual Jesus deu sua vida. Como a ideia de equivalência ou substituição era própria do conceito de resgate, ela se tornou um elemento integral no vocabulário de redenção no Antigo Testamento. Com licença.

No contexto de Marcos 12:45a, com sua referência ao serviço do filho do homem, é apropriado encontrar uma alusão ao servo do Senhor em Isaías 53, que vicariamente e voluntariamente sofreu e deu sua vida pelos pecados dos outros. O pensamento específico subjacente à referência ao resgate é expresso em Isaías 53:10, que fala de fazer de sua vida uma oferta pelo pecado. Jesus, como o servo messiânico, se oferece como uma oferta culpada.

Levítico 5:14 a 6:7, Levítico 7:1 a 7, Números 5:5 e 8, em compensação pelos pecados do povo. Comentário de William Lane sobre o evangelho de Marcos. Os três textos seguintes também ensinam que a redenção de Cristo é substitutiva.

Os leitores ganharão muito com o comentário de William Lane sobre Marcos, bem como sobre o livro de Hebreus. Mas esses textos ensinam que redenção é substituição. Gálatas 3:13, Cristo nos redimiu da maldição da lei, tornando-se maldição por nós.

1 Timóteo 2:5 e 6, há um só Deus e um só mediador entre Deus e o homem, o homem Cristo Jesus, que se entregou como resgate por todos. Tito 2:13-14, nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo, se entregou para nos redimir de toda iniquidade. Ao discutir Gálatas 3:13, Graham Cole contempla a incapacidade da humanidade de se resgatar.

Citação, Deus agiu em Cristo para abordar a situação humana neste ponto. O movimento divino é surpreendente, pois uma grande troca ocorreu. Como Jeffrey Ovi e Sack sugerem, é difícil imaginar uma declaração mais clara da doutrina da substituição penal.

Paulo está se baseando na linguagem do mercado. Um preço é pago para libertar um escravo, e o preço dessa redenção é insondável. Gálatas 3:13 diz que Cristo nos redimiu da maldição da lei ao se tornar maldição por nós.

Cole estava certo. Cristo se entregou vicariamente como preço de resgate para libertar pecadores. Ele morreu no lugar deles, pagando um resgate que eles não podiam pagar.

Além disso, a redenção foi realizada com seu sangue, o sangue de Cristo. Morris mostrou Leon Morris na pregação apostólica na cruz, Morris mostrou que a palavra sangue na expressão o sangue de Cristo descreve a morte de Cristo, mesmo uma morte violenta. Esse uso de sangue ocorre frequentemente quando as escrituras falam da obra de redenção de Cristo.

Temos redenção por meio do seu sangue, Efésios 1:7. Ele entrou uma vez por todas nos lugares santos, não por meio do sangue de bodes e bezerras, mas por meio do seu próprio sangue, assegurando assim uma redenção eterna. Hebreus 9:12. Vi um cordeiro em pé, como se tivesse sido morto.

Pois foste morto, ó Cordeiro de Deus, e com teu sangue compraste homens para Deus. Apocalipse 5:6. 5 versículo 6 e versículos 9 e 10. Morris explica a relação entre o sangue de Jesus e o sacrifício.

Citação, o termo sangue não é usado tão frequentemente no Antigo Testamento como no Antigo. Ele é encontrado 98 vezes. Mas, como no Antigo, a classificação única mais frequente é aquela que se refere à morte violenta.

Os escritores do Novo Testamento queriam dizer que Cristo, quando fala de seu sangue, eles queriam dizer que Cristo morreu. E se eles usam a expressão de uma forma que lembra os sacrifícios e o derramamento de sangue neles, então eles querem dizer que a morte de Jesus deve ser vista como um sacrifício, que realiza na realidade o que os antigos sacrifícios apontavam, mas não podiam fazer. Perdão.

Porque Cristo, o mediador da redenção, voluntariamente se entregou como resgate pelos pecadores. Sua morte obtém perdão para todos os que creem. Por essa razão, as escrituras associam redenção e perdão.

Efésios 1:7. Nele, temos a redenção por meio de seu sangue, o perdão dos nossos pecados. Colossenses 1:13-14. Deus nos libertou do império das trevas e nos transferiu para o reino do seu filho amado, em quem temos a redenção, o perdão dos pecados.

A redenção diz respeito ao passado, presente e futuro. Quando vista de uma perspectiva temporal, a redenção diz respeito ao passado, presente e futuro. Primeiro, o passado.

Vocês não são de si mesmos, pois foram comprados por um preço. 1 Coríntios 6:19-20. Vocês foram resgatados com o precioso sangue de Cristo.

1 Pedro 1:18-19. Apocalipse 14:4. Esses santos foram redimidos da humanidade como primícias para Deus e o cordeiro. A redenção também diz respeito ao presente.

Ele nos libertou do império das trevas e nos transferiu para o reino do seu filho amado, em quem temos a redenção, o perdão dos pecados. Colossenses 1:13 e 14. A libertação é descrita como passada, mas a transferência para o reino de Cristo está presente, assim como o perdão.

A redenção também diz respeito ao futuro. Romanos 8:23. E não somente a criação, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, esperando ansiosamente a adoção como filhos, a redenção dos nossos corpos.

Romanos 8:23. Romanos, desculpem-me, Efésios 4:30. E não entristeçam o Espírito Santo de Deus, no qual vocês foram selados para o dia da redenção.

Em suma, Cristo comprou uma redenção completa para seu povo, mesmo para qualquer um que creia em seu nome. Sua libertação diz respeito ao passado, presente e futuro. Além disso, a redenção é, estou vendo um padrão aqui? Sim.

Assim como a reconciliação, a redenção é individual, corporativa e cósmica. Cristo redime indivíduos, a igreja e o cosmos. Sua redenção de indivíduos é demonstrada no contexto da imoralidade sexual.

1 Coríntios 6:18 a 20. Fugam da imoralidade sexual. Qualquer outro pecado que uma pessoa comete é fora do corpo, mas a pessoa sexualmente imoral peca contra seu próprio corpo.

Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, o qual tendes da parte de Deus? Não sois de vós mesmos, porque fostes comprados por preço. Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo. Assim, em 1 Coríntios 6:18 a 20, são os indivíduos que são redimidos por Cristo.

Há também uma dimensão corporativa da redenção, como as seguintes passagens ilustram. Atos 20:28. Paulo fala da igreja de Deus, que ele obteve com seu próprio sangue.

1 Timóteo 2:5 e 6 fala de Cristo Jesus, que se entregou como resgate por todos. Apocalipse 5:9. Ó Cordeiro de Deus, foste morto, e pelo teu sangue resgataste para Deus pessoas de toda tribo, língua, povo e nação. Como é o caso da reconciliação, há também uma dimensão cósmica da redenção, e Paulo se refere a isso em Romanos 8. Romanos 8:19 a 22, pois a criação, espera ansiosamente pela revelação dos filhos de Deus.

Pois a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será libertada do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus; pois sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. Romanos 8:19 a 22.

Concluimos nossa apresentação do quadro da redenção pela obra salvadora de Cristo pensando nos resultados maravilhosos que obtemos. Os resultados da obra redentora de Cristo são incríveis. Além do que já foi mencionado, conforme passei pelas categorias já faladas sob a redenção, estas são adicionais àquelas.

A morte de Jesus ratifica a nova aliança e realiza o que Jeremias 31:31, 31 a 34 prometeu, especialmente o perdão dos pecados, incluindo os dos santos do Antigo Testamento. Hebreus 9:15. Portanto, ele é o mediador de uma nova aliança para que aqueles que são chamados possam receber a promessa da herança eterna, uma vez que ocorreu uma morte que os redime das transgressões cometidas sob a primeira aliança.

Hebreus 9:15. A redenção compra os crentes para Deus, de modo que doravante eles pertencem a ele. Vocês não são seus, pois foram comprados por um preço.

Paulo escreveu 1 Coríntios 6:19 e 20 no mesmo sentido. Considere 1 Coríntios 7:23 e Apocalipse 14:4. Ao mesmo tempo, a morte de Cristo nos liberta da escravidão, então você não é mais um escravo, mas um filho. E se um filho é então um herdeiro por Deus,

Gálatas 4:7. Além disso, a redenção leva os cristãos a fazer o bem porque Cristo citou que se entregou por nós para nos redimir de toda iniquidade e para purificar a si mesmo, um povo para sua própria possessão, que é zeloso de boas obras. Tito 2:14. Cristo redimiu seu povo para que eles pudessem cumprir os papéis que o Israel do Antigo Testamento falhou em desempenhar.

Citação Apocalipse 1:5 e 6. Ele nos libertou dos nossos pecados pelo seu sangue e nos fez um reino sacerdotes para seu Deus e pai. Christopher Wright soa uma boa nota para terminar este estudo sobre redenção. Citação o pecado nos coloca na escravidão, uma servidão da qual precisamos ser libertados.

Mas a redenção sempre tem um custo. Deus escolheu arcar com esse custo na autodoação de seu filho que veio para citar, dar sua vida como resgate por muitos. Marcos 10:45.

Nele, portanto, temos a redenção por meio de seu sangue, o perdão dos pecados. Efésios 1:7. A cruz significa liberdade e libertação para os cativos. Seis imagens principais da obra salvadora de Cristo.

Nós olhamos para a reconciliação e a redenção. Passamos agora a considerar Cristo como nosso substituto legal. Antes de resumir seus aspectos, estou motivado a responder objeções à substituição penal.

Fico triste que isso não venha apenas de estudiosos críticos que não acreditam no ensinamento da Bíblia, mas também de evangélicos. Alguns se opõem à substituição penal. É compreensível que, às vezes, a substituição penal tenha sido apresentada sem muito cuidado e quase de forma crua.

Por exemplo, ao colocar o Pai contra o Filho, o Pai cruel pune o Filho gentil. Isso é totalmente errado. Ou colocar o Filho contra o Pai que em sua obra de cruz repousa do Pai aquilo que o Pai reluta em dar.

Oh, essas são distorções terríveis, terríveis, grotescas da doutrina. No entanto, a substituição penal acaba de ser criticada. E com a ajuda de Gary Williams, que escreveu Penal Substitution, uma resposta às críticas recentes em um livro que mencionei em palestras anteriores, The Atonement Debate.

Isso é uma grande ajuda para mim, Gary Williams, substituição penal, uma resposta às críticas recentes. Se olharmos para a substituição penal como um todo, nossa necessidade é culpa ou condenação diante de um Deus santo e justo. E se Cristo é, se Cristo é nossa paz na reconciliação, se ele é nosso redentor na redenção, ele é nosso substituto no tema da substituição penal legal.

A esfera, é claro, não são relações pessoais como reconciliação. Não é escravidão e alforria como na redenção. A esfera da substituição penal é, como o nome penal implica, é a lei.

Deus é o legislador e juiz. Nós somos infratores da lei. Não podemos pagar a penalidade pelos nossos pecados.

O pai envia seu filho. O filho nos ama e se entrega por nós. O resultado é justificação.

Deus declarou justos todos os que, por sua graça, creem em Jesus. E mais uma vez, eu digo: resumiremos no final o tratamento das objeções à substituição penal. Concordo com a avaliação de Thomas Schreiner quando ele escreve, entre aspas, concluo que a visão da substituição penal precisa ser defendida hoje porque é escandalosa para alguns estudiosos.

Sabemos que é escandaloso para feministas radicais que veem isso como uma forma de abuso infantil divino. Não estou inventando nada disso, meus amigos, ou para acadêmicos como Denny Weaver, que promovem a expiação não violenta. Não consigo compreender da Sagrada Escritura o que é a expiação não violenta em nenhum dos testamentos.

De fato, entre todas as visões de expiação, a substituição penal provoca a resposta mais negativa. Objeção número um. Ela não foi ensinada até a Reforma.

O primeiro objeto, uma objeção, que estou colocando em meu próprio pedido, diz que a substituição penal foi inventada pelos reformadores. Era inédito antes. Isso é claramente errado.

É verdade que Lutero ensinou essa doutrina junto com Christus Victor, Cristo nosso campeão, e que era o motivo proeminente na obra de João Calvino. Mas isso não significa que era inédito antes; como Howard Marshall explica a citação, uma distinção deve ser feita entre a existência da doutrina e sua proeminência. A doutrina da substituição penal pode não ter sido proeminente antes da Reforma, mas isso é bem diferente de dizer que era desconhecida.

Era sabido. Irineu falou de propiciação. Santo Agostinho fez a mesma coisa.

Era conhecido antes da Reforma. Tomás de Aquino tem comentários de substituição penal. Agora, essas não são as únicas declarações dessas figuras, mas são figuras, são declarações que eles fazem diante dos reformadores.

Então a substituição penal não foi ensinada até a Reforma. Mesmo que fosse, não significa que não seja a verdade de Deus. A verdade da questão é se é ensinada na Sagrada Escritura.

Em segundo lugar, diz-se que a substituição penal é meramente um produto do individualismo. Joel Green, novamente um destacado estudioso do Novo Testamento, e Mark Baker escreveram juntos um livro, *Recovering the Scandal of the Cross*, no qual atacaram noções grotescas e equivocadas de substituição penal, mas infelizmente atacaram a substituição penal em si também. Green e Baker afirmam que a substituição penal é coerente, abre aspas, totalmente com a ênfase no individualismo autônomo característico de grande parte da classe média moderna no Ocidente, fecha aspas.

Gary Williams responde que essa objeção é estranha, historicamente imprecisa e até irônica. É estranho porque a substituição penal, por sua própria definição, depende muito de categorias corporativas e nega o individualismo. Citação, citando Williams, nenhum proponente da substituição penal jamais a concebeu como uma transferência de punição entre duas pessoas totalmente não relacionadas.

Em vez disso, Cristo é visto como o pacto e cabeça corporativa que morre no lugar de seu povo. Gálatas 3:13, Cristo toma a maldição do pacto para redimir aqueles sob a maldição. Para citar exemplos, e novamente isso justifica o primeiro, isso responde à primeira crítica de que a substituição penal começou na Reforma.

Eusébio de Cesareia, João Calvino e João Owen sustentam que a substituição penal depende de uma união mística entre Cristo e seu povo. Eu deveria me corrigir; Eusébio é pré-Reforma, Calvino, é claro, é Reforma, e Owen é pós-Reforma, então eu falei errado. Mas Eusébio deveria ser adicionado àqueles que ensinaram a substituição penal antes da Reforma.

Segundo, a acusação de que a substituição é um produto do individualismo ocidental é historicamente imprecisa porque há exemplos de pais da igreja empregando a união com Cristo para explicar a justiça de Deus na substituição penal. Williams cita uma citação de Eusébio de Cesareia, como ele pode fazer nossos pecados seus e ser dito que carrega nossas iniquidades, exceto por ser considerado, nosso ser considerado como seu corpo? E o Cordeiro de Deus não apenas fez isso, mas foi castigado em nosso favor e sofreu uma penalidade. Ele não devia, mas que nós devíamos por causa da multidão de nossos pecados, e atraiu sobre si a maldição repartida, sendo feito maldição por nós.

E o que é isso senão o preço de nossas almas? E assim, o oráculo diz em nossa pessoa, por suas pisaduras fomos sarados, Isaías 53, e o Senhor o entregou por nossos pecados, com o resultado de que unindo-se a nós e nós a ele e apropriando-se de nossos sofrimentos, ele pode dizer, Eu disse, Senhor, tem misericórdia de mim, cura minha alma, pois pequei contra ti. Esta é uma substituição penal patristica sustentada pela união com Cristo, que conta como os sofrimentos de um se tornaram a salvação de muitos. Não é exato, portanto, dizer que a substituição penal é o produto do individualismo ocidental moderno.

Terceiro, a acusação é irônica porque são os críticos da substituição penal que abraçaram o individualismo. No relatório da comissão de doutrina da Igreja da Inglaterra de 1995, *The Mystery of Salvation*, que se opõe à substituição penal, lemos que na esfera moral, cada pessoa deve ser responsável por suas próprias obrigações. A responsabilidade moral é, em última análise, incomunicável.

Este relatório rejeita a substituição penal, conforme citado pelos autores, porque eles endossam essa espécie de individualismo. Isso é triste, de fato. A objeção número três, substituição penal, contradiz o ensinamento de Jesus de dar a outra face.

Em reação ao ensino da Reforma, como vimos anteriormente, Faustus Socinus no século XVII trouxe argumentos contra a substituição penal que ainda são usados hoje. Um deles era que a substituição penal envolve justiça retributiva, e isso torna Deus inconsistente consigo mesmo. Jesus ensina seus seguidores a não se oporem ao mal, mas a dar a outra face quando esbofeteados, Mateus 5:39. A ideia de que Deus exige punição na cruz, portanto, contradiz o claro ensino de Jesus.

Stephen Chalke, um respeitado pregador e autor britânico, escrevendo em 2004, concorda e afirma que tal visão torna Deus hipócrita. Citação, se a cruz tem algo a ver com substituição penal, então o ensinamento de Jesus se torna um caso divino de faça o que eu digo, não o que eu faço. E então ele continua dizendo, eu, por exemplo, acredito que Deus pratica o que ele prega.

Gary Williams responde decisivamente a Socinus e Chalke; Estou triste em ver Steve naquela companhia, apresentando um claro contraexemplo. Ele é encontrado em Romanos 12, onde Paulo diferencia nitidamente como a justiça funciona para as relações de Deus com suas criaturas humanas e para suas relações entre si. Paulo, como Jesus, proíbe os seres humanos de se vingarem de seus semelhantes.

Ele então os exorta a seguir o exemplo de Deus? Não, exatamente o oposto. Citação, não retribuam a ninguém mal por mal, Romanos 12:17 a 21. Amados, nunca se vinguem, mas deixem isso para a ira de Deus.

Pois está escrito: Minha é a vingança, eu retribuirei, diz o Senhor. Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer. Se tiver sede, dá-lhe de beber.

Pois, fazendo assim, vocês colherão brasas vivas sobre a cabeça dele. Vocês amontoarão brasas vivas sobre a cabeça dele. Não se deixem vencer pelo mal, mas vençam o mal com o bem.

Novamente, Romanos 12:17 e 19 a 21. Williams enfatiza o ponto. Assim, Paulo nega a vingança na esfera de relacionamentos entre pessoas individuais e, ao mesmo tempo, a atribui a Deus, que a compartilha em parte limitada com as autoridades governantes.

Onde Chalke infere que Deus nunca faria o que ele nos diz para não fazer, Paulo argumenta exatamente o oposto. Deus nos diz para não fazer o que ele faz precisamente porque ele o faz. Deus diz, faça como eu digo, não como eu faço, e justamente assim, já que ele é Deus e nós não.

Quarta objeção. A substituição penal torna a punição impessoal em vez de pessoal. Os críticos veem a punição retributiva e a substituição penal que se baseia nela como impessoais e , portanto, menos que bíblicas.

Stephen Travis, um anglicano evangélico destacado, sugere isso quando escreve se opondo à punição retributiva. “O julgamento de Deus deve ser visto não principalmente em termos de retribuição, por meio da qual as pessoas são pagas de acordo com suas ações, mas em termos de relacionamento ou não relacionamento com Deus.”

Travis aparentemente vê retribuição e relacionamento como incompatíveis. Incompatíveis. Portanto, a substituição penal é impessoal, assim como uma transação impessoal é indigna, uma visão indigna da expiação.

Mas a visão de Travis está equivocada. Punição retributiva e relacionamentos não são necessariamente opostos. Retribuição, de acordo com Hugo Grotius, envolve dois aspectos.

Uma má vontade, um mal, desculpe-me, que é responsivo a um mal e à imposição de algum tipo de dor proporcional. Mas com base nesses dois aspectos, a punição pode ser tanto retributiva quanto relacional. Esse é o caso em que a punição é merecida pelo mal, caráter ou comportamento maligno, e em que a punição envolve dor.

Agora, a separação da presença abençoada de Cristo é certamente dor. Citação, a categoria de exclusão de um relacionamento amoroso com Cristo é uma categoria relacional, como Williams insiste. Pois o pecador está em um relacionamento de confronto hostil com Cristo.

Mais uma antes de encerrarmos esta palestra. Objeção cinco. A substituição penal deturpa Deus como precisando ser apaziguado antes de perdoar.

Os críticos às vezes retratam os defensores da substituição penal como sustentando que é a cruz de Cristo que faz com que Deus abandone sua ira e estenda o perdão. Embora os proponentes responsáveis da substituição não sustentem isso, a acusação continua, como Joel Green demonstra. Citação, em oposição ao modelo de expiação substitutiva penal, então, o ato salvador de Deus não é sua resposta à morte voluntária de Jesus.

Fechar citação. Mas isso em si é uma deturpação, como Howard Marshall mostra em seu ótimo livro, *The Theology of the New Testament*. Citação, o motivo da morte de Jesus é declarado como sendo o propósito amoroso de Deus.

E não há a menor sugestão no Novo Testamento de que Jesus morreu para persuadir Deus a perdoar pecadores. Pelo contrário, sua morte é a maneira pela qual Deus age em sua graça e misericórdia. Portanto, a morte de Jesus não é um meio de apaziguar um pai que não está disposto, não é capaz ou não está disposto a perdoar.

É o que o próprio Deus faz enquanto ainda somos pecadores. É verdade que a ira de Deus opera contra pecadores que não aceitaram o evangelho, mas não é verdade que a ira de Deus foi apaziguada antes que ele seja misericordioso. Em nossa próxima palestra, continuaremos com mais cinco objeções contra a substituição penal e, então, resumiremos a substituição penal como um todo.

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre a Obra Salvadora de Cristo. Esta é a sessão 15, Seis Imagens da Obra Salvadora de Cristo, Parte 2, Redenção e Substituição.